

LEDUBINO, Adilson D. **O teatro fórum na educação ou [Provocações e ensaios para a vida]**. Campinas: Unicamp. Escola Comunitária de Campinas; Professor de Teatro no Ensino Fundamental II. Professor, diretor, ator, dramaturgo e cenógrafo.

RESUMO: Este artigo reflete sobre as contribuições e impactos do Teatro Fórum no contexto da Educação básica, lançando mão de um relato de caso que apresenta a criação colaborativa de uma cena acerca do tema “sexualidade, gravidez e aborto na adolescência”, configurando-se como metodologia ativa de ensino aprendizagem e como ação transdisciplinar para a formação humanista, ética e crítica por meio do teatro.

PALAVRAS-CHAVES: Teatro. Educação. Teatro-fórum. Transdisciplinaridade.

Le théâtre-fórum dans l'éducation ou [Provocations et des repetition pour la vie].

RESUME: Cet article réfléchit sur les contributions et impacts du Théâtre Fórum dans le context de l'éducation de base, en utilisant un rapped de cas qui présente la création collaborative d'une scène sur le thème "sexualité, grossesse et avortement chez les adolescentes", configurée comme une méthodologie active d'enseignement-aprendissage et comme une action transdisciplinaire pour la formation humaniste, éthique et critique à travers le théâtre.

MOTS-CLES: Théâtre. Education. Théâtre-Fórum. Transdisciplinarité.

Provocação #1:

o teatro serve para alguma coisa?

O Teatro é um espaço aberto para o exercício da empatia, para o aprimoramento ou desenvolvimento das habilidades de comunicação, para o autoconhecimento, para o confronto de ideias e para a construção de conhecimentos. É um território de liberdade de expressão, do exercício criativo dessa expressividade artística, mas também de embates, de diálogo e de confronto no campo das ideias. Por isso, o Teatro é uma arte que convida e desafia ao mesmo tempo.

Colocar-se no lugar do outro, exercitando o olhar para inúmeras facetas que compõem o “EU” e nos confrontarmos com os nossos próprios pré-conceitos, dando a ver aquilo que muitas vezes preferiríamos manter velado em um discreto baixar de olhos, num franzir de testa ou em mãos escondidas

nos bolsos a fim de disfarçar a sudorese delatora, guarda um misto de desejo e de repulsa, de alegria e de medo.

Em cena nos colocamos totalmente expostos, supostamente protegidos pela “máscara” da personagem que interpretamos. Se você já viveu a experiência de representar uma peça teatral, seja na escola, em um curso de iniciação, na comunidade, ou mesmo se simplesmente se viu diante de uma plateia para proferir um discurso qualquer, deve se lembrar da sensação, do friozinho na barriga, do receio de engasgar ou esquecer o texto, enfim, do medo de “pagar mico” na frente de todos. O caráter ficcional do texto teatral nos confere uma espécie de salvo conduto em relação a tudo aquilo que levamos à cena: É Medeia quem sacrifica os próprios filhos para se vingar de Jasão e não a atriz que a interpreta. Sim, é verdade. Mas não podemos esquecer de que colocamos muito de nós quando escolhemos uma forma, um tom de voz, um ritmo ou um figurino.

Ao sermos confrontados com a pergunta “e se eu estivesse nessa situação?”, somos convidados a ativar uma série de habilidades e competências, memórias, capacidade imaginativa, discernimento, análise crítica, bagagem cultural, formação social, filosófica, religiosa, familiar etc. E não de modo apenas teórico, discursivo e retórico. Esta é uma proposição que ativa um pensamento corporal, que nos mobiliza o ser inteiro e nos convida ao desenvolvimento do pensamento sensível, para além do pensamento simbólico. O Teatro é arte da ação.

Imagine-se, então, caro(a) leitor(a), diante de temas mais próximos à sua própria vida, que lhe impulsionem à reflexão sobre assuntos polêmicos do seu entorno e que lhes dizem respeito diretamente. Imaginou? Coloque-se, agora, a pergunta provocação: “o que eu faria se estivesse nessa situação?”. Acredito que você, após pensar no tema polêmico, levantou uma série de argumentos muito sensatos, capazes de demonstrarem o seu ponto de vista e de convencer muitos interlocutores de que você está com a razão. Pois bem, permita-me fazer uma pausa no exercício proposto. Por enquanto, guarde aí contigo tema/assunto polêmico e argumentos. Se preferir, aproveite essa pausa que lhe proponho para anotar o assunto polêmico escolhido e os principais argumentos levantados.

Provocação #2:

afinal, isso é o que? teatro? educação? política?

Enquanto isso, quero lhe apresentar de forma breve um teatrólogo de grande importância para as artes da cena no Brasil e no mundo: Augusto Boal (1931-2009- RJ). A envergadura e o impacto de seu teatro lhe colocam no *hall* dos grandes pensadores do teatro ocidental do séc. XX. Seu Teatro do Oprimido é conhecido e praticado em mais de 70 países dos cinco continentes. Constitui-se uma estética que abrange uma série de métodos e maneiras de se fazer teatro, considerando-o uma forma lúdica e pedagógica de enfrentamento dos problemas reais do mundo. A busca por possibilidades de gerar conhecimento crítico sobre as relações sociais e de fazer emergir da reflexão em cena soluções para a superação de opressões aí impetradas, é uma característica marcante de seu teatro. Uma das vertentes mais divulgadas e praticadas do Teatro do Oprimido é o Teatro Fórum. Nele se empreende o debate acerca de um problema real, passível de mudança, mas que nas circunstâncias atuais, configura-se como opressão. Assim, Boal quer promover o empoderamento dos oprimidos. Não em uma suposta ação salvadora, oferecida por terceiros que teriam soluções mágicas a oferecer, mas conjurando o poder emancipador do teatro que emerge da própria capacidade criativa, reflexiva e propositiva dos espectadores, a quem ele propõe que deixem a posição aparentemente cômoda, no fundo alienada, de quem apenas assiste a peça (e a vida) passar diante de seus olhos. O que ele quer é que as pessoas se tornem *espect-atores*. Para ele todos podem (e deveriam) fazer teatro. Assim, o Teatro se torna uma poderosa arma de luta contra as opressões. Ele se faz um instrumento para a reflexão acerca de problemas da vida real. Na ficção ensaia-se a ação. (BOAL, 2015)

Provocação # 3:

a escola é lugar dessas coisas?

Desde 2012, jovens estudantes do 9º ano da Escola Comunitária de Campinas desenvolvem um projeto interdisciplinar em Teatro e Ciências,

refletindo e construindo conhecimento a partir do tema “sexualidade, gravidez e aborto na adolescência”. O projeto é fruto da busca por metodologias ativas de ensino-aprendizagem, que encontrou na arte teatral uma forma sensível, afetiva, efetiva e segura de abordar tema tão delicado. Ainda que à época não estivesse na berlinda a polêmica que tenta expulsar das escolas a mera referência a esse tipo de assunto, ele nunca deixou de requerer abordagem cuidadosa, respeito às diferenças, construção de conhecimento cientificamente fundamentado e adequação à faixa etária. Assim, os estudantes foram convidados a refletir sobre as diversas polêmicas envolvidas na realidade que dialoga com o tema proposto e criar uma cena de Teatro Fórum a ser apresentada publicamente, envolvendo a comunidade escolar como um todo, configurando-se como um projeto interdisciplinar de extensão.

Enquanto em Teatro estudam a história do Teatro do Oprimido, tomam contato com as técnicas do Teatro Fórum e exercitam jogos e conceitos fundamentais dessa metodologia, em Ciências constroem o arcabouço teórico referente à temática. O diálogo concomitante faz emergirem cenas e questionamentos cada vez mais ricos e profundos. Uma característica marcante é o fato de se promover o protagonismo dos estudantes e a construção de espaço aberto ao diálogo franco, honesto e responsável, partindo sempre das demandas, dúvidas e anseios dos alunos e das alunas.

Provocação #4:

para que uma base teórica se teatro é invenção e brincadeira?

O teatro de Augusto Boal insere-se em uma linha histórica que tem como fundamento o teatro de Bertolt Brecht. O brasileiro foi capaz de aprofundar e efetivar muitas realizações sobre as quais o alemão somente teorizou. Brecht considera seu fazer artístico como o teatro da era científica, ao que Boal dá aprofundamento e expõe de modo incontestável o caráter político e potencialmente transformador do Teatro. Assim, abre as portas e escancara as estruturas dessa arte à participação de todos, permitindo o acesso aos meios de produção e convidando os sujeitos a lidarem, eles mesmos, com seus problemas por meio do teatro.

Aqui, na experiência ora relatada, a ciência cumpre o papel de dar base e estofa às discussões empreendidas sobre a temática e às vivências, por meio do teatro, de experiências encenadas sobre aquilo que se experimenta nos corpos, sobre aquilo que suscita muitas dúvidas e receios. Estudando sobre reprodução humana, métodos contraceptivos, adolescência, aborto, cuidado de si e do outro, têm a oportunidade de refletir sobre tudo isso considerando aspectos biológicos, éticos, legais, religiosos, políticos e sociais de modo profundo e em um ambiente seguro e protegido.

Provocação #5:

é mesmo necessário refletir, debater e problematizar sobre essa temática?

Voltemos agora, leitor(a), ao exercício imaginativo que propus anteriormente, para o qual sugeri que escolhesse um tema polêmico que lhe tocasse, e que se fizesse a questão “e se eu estivesse nessa situação?”. Pois bem, esta pergunta serve como trampolim para a imaginação dos alunos atores e lhes convida a entrarem em contato com a situação hipotética. (STANISLAVSKI, 1968) Acontece que, no caso do Teatro Fórum, as proposições devem sempre estar ligadas à realidade social, reportando uma relação de opressão. No caso do projeto interdisciplinar aqui apresentado, trata-se de questões pertinentes ao tema “sexualidade, gravidez e aborto na adolescência”. Se você já passou da adolescência e/ou não seja responsável por um(a), talvez não se dê conta do desafio e da complexidade que este tema encerra. Agora, se estiver passando por esta fase ou conviva diariamente com um indivíduo desses que é um verdadeiro turbilhão de emoções, hormônios, incertezas, curiosidade e ímpeto, talvez até tenha suspirado em reconhecimento à coragem necessária para encarar essa tarefa tão complicada. Acredito que mais complicado ainda e perigoso é fazer de conta que este tema e seus desdobramentos não fazem parte das inquietações dos adolescentes, ignorando sua pertinência e importância no que se refere à integridade física, psíquica e emocional do sujeito em formação.

Compartilharei contigo, amigo(a) leitor(a), alguns aspectos marcantes que vivenciei com os alunos nos processos de criação de peças de Teatro

Fórum ao longo de seis anos, na Escola Comunitária de Campinas. Reportar-me-ei, em especial, à experiência de 2017, lançando mão da dramaturgia criada naquele ano, em processo colaborativo. Também destacarei ações de outros anos, construindo um apanhado geral do encontro com o público e do impacto de tal experiência entre os participantes.

Como em todo processo colaborativo de criação teatral, é fundamental que se estabeleça uma relação de extrema confiança, a fim de promover, entre todos os envolvidos na montagem, a disponibilidade para se colocar de forma franca e sincera, muitas vezes tendo de lidar com a timidez ou mesmo com certo constrangimento, ao mesmo tempo em que exercita a capacidade de ouvir e respeitar as opiniões diversas. Por isso, no início, conversamos bastante sobre a complexidade desse projeto, sendo necessário adotarmos uma postura o mais madura possível.

Dada a amplitude do tema, optamos por dividi-lo em suas três esferas e começamos por abordar a questão da sexualidade na adolescência. Tem sido comum se confirmar a constatação de que este é um assunto tabu, com parcela considerável (mais de 50%) dos alunos relatando que seus pais não conversam abertamente sobre o tema. Uma questão frequente nesta etapa diz respeito à existência ou não de uma idade adequada para o início da vida sexual ativa. Os alunos e alunas se mostram bastante maduros, argumentando que se acham muito novos, mas que não se trata de uma questão etária e sim de maturidade, além de ser necessário estar em uma relação consistente e minimamente duradoura.

Quanto à gravidez, demonstram conhecimento sobre os métodos contraceptivos, bem como aos riscos envolvendo DSTs em caso de relações sexuais sem proteção. Relembrem frequentemente os dados estatísticos estudados em Ciências, que retratam um considerável índice de gravidez na adolescência no Brasil. São provocados com a pergunta “e se eu estivesse nesta situação?”. Normalmente, o impacto de tal suposição é muito maior entre as meninas, mas se configura como momento importante de conscientização dos meninos em relação à nossa implicação (dos homens) nesta situação.

É um momento em que compartilhamos muitas histórias, seja envolvendo conhecidas, reportagens, histórias ou casos reais na família. Eu

sempre conto a história de uma sobrinha que ficou grávida na adolescência, isso para deixar claro que, ao contrário do que muitos pensam, essa situação pode estar mais próxima do que gostaríamos de imaginar ou admitir.

Outros temas diretamente ligados à questão costumam aparecer, como o machismo que responsabiliza quase sempre somente a garota que acaba tendo de arcar, muitas vezes sozinha, com as consequências (gostaria, mas não fui capaz de pensar em outra palavra... e você, leitor(a)?): a dificuldade em continuar os estudos, a responsabilização, a “perda” da juventude, o período de dedicação exclusiva no início da vida do bebê, sem contar as inúmeras formas de preconceito de que acaba sendo vítima.

Em relação à última esfera temática da proposta, o aborto, é comum os alunos ficarem divididos e emocionalmente tocados. Aspectos religiosos, políticos, legais, éticos, emocionais, médico-biológicos são considerados para o debate.

Como se vê, enfrentamos uma série de desafios. O primeiro deles é pensar em como pôr em cena todas essas questões, considerando os diversos pontos de vista expressos pelos participantes, respeitando os limites da faixa etária e lembrando-nos do que Augusto Boal diz sobre o Teatro Fórum:

É claro que o objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espectadores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na “vida real”; atores e plateia, igualmente atuando, aprendem as possíveis consequências de suas ações. Aprendem o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias dos oprimidos. O “fórum” é um jogo, é lúdico e é uma maneira rica de aprender uns com os outros.” (BOAL, 2015, p.51)

Assim, fica claro para os estudantes que uma cena para o Teatro Fórum terá de apresentar uma polêmica, envolvendo uma personagem oprimida, que inicialmente contesta, luta contra essa opressão mas, pressionada pelos opressores, acaba dando-se por vencida, tomando decisões que geram incomodo e indignação na plateia, a ponto dela se sentir atraída e motivada a apresentar outras possibilidades de ação e luta.

Ao longo desses anos, já apresentamos o Teatro Fórum de inúmeras formas: desde a clássica, em que, depois de mostrada a cena, a plateia é convidada a substituir a protagonista oprimida, refazendo a cena para levantar possibilidades de solução dos problemas retratados; ou com a plateia

elaborando argumentos e ideias que são executadas pelos próprios atores (conhecida como dramaturgia simultânea); até apresentações de espetáculo de modo “convencional” seguido de debate com a plateia. Todos os formatos resultaram em momentos de rico aprendizado.

Provocação #6:

pode a cena nos ensinar algo?

A metodologia do Teatro Fórum acabou sendo ampliada. Além do tema do projeto interdisciplinar realizado em parceria com Ciências, em algumas ocasiões os alunos optaram por abordar também questões referentes ao machismo, misoginia, preconceito racial e *bullying* motivado por homofobia. Esta última temática resultou em cena que fora apresentada para a Equipe de Ajuda da Comunitária e para professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio, como elemento disparador de reflexões acerca de possíveis caminhos para o enfrentamento do *bullying*, inserido em atividades do GEPEM- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral-Unesp/Unicamp que, naquele momento, orientou a implantação das Equipes de Ajuda na Escola sob coordenação da professora Dra. Luciene Tognetta.

Para começar a pensar sobre esta provocação #6, quero compartilhar o texto dramático sobre sexualidade, gravidez e aborto na adolescência, escrito colaborativamente pelos alunos e alunas do 9º ano (2017), sob minha orientação.

Talvez o texto, meras palavras digitadas, não cause em você o mesmo impacto que viveu quem testemunhou a apresentação cênica, mas espero poder contar com sua capacidade de imaginação e abstração para que seja possível fazer reverberar a experiência e ecoarem os conhecimentos construídos.

Por favor, desligue o seu celular. Eis o terceiro sinal. Após o *blackout*, as luzes crescem em resistência revelando um grupo de jovens atores e atrizes aglomerados no centro do palco. Seguram jornais que lhes ocultam os rostos. À frente de todos, o Mestre de Cerimônias (MC).

SEXUALIDADE, GRAVIDEZ E ABORTO NA ADOLESCÊNCIA

M.C: Sexualidade, gravidez e aborto na adolescência! Uma questão polêmica. Você já parou para pensar nisso?! Pois devia. Notícias correm soltas por aí!

TODOS: Extra, extra!

JORNAL 1: Índice de aborto provocado chega a 60% entre adolescentes.

TODOS: Extra, extra!

JORNAL 2: Mais de uma em cada cinco mulheres entre 18 e 39 anos de idade já recorreu a um aborto na vida.

TODOS: Extra, extra!

JORNAL 3: Meninas que ficam grávidas antes dos 15 anos em países de baixa e média renda tem o dobro de risco de morte materna.

TODOS: Extra, extra!

JORNAL 4: Estima-se que 70 mil adolescentes morrem a cada ano nos países em desenvolvimento em consequência de complicações durante a gravidez ou no parto.

TODOS: Extra, extra, extra!

Não adianta fingir que não ouviu. Precisamos falar sobre isso!

(Coro se locomove para o fundo do palco, formando um paredão, de costas para a plateia. Caio e Bianca trocam olhares. A pessoa da ponta da fila ergue uma placa escrita “Cena 1- O que fazer quando o sentimento é maior que a razão?”).

Caio: Você quer ir no cinema hoje?

Bia: Sim, que horas?

Caio: Depois do almoço.

Bia: Ok, mas você poderia passar na minha casa, eu esqueci minha carteirinha.

Caio: Tudo bem, te vejo mais tarde.

(Os dois saem da cena, depois voltam, já na casa da menina)

Caio: Achou sua carteirinha?

Bia: Sim, tá aqui.

Caio: Ah, legal.

Bia: Senta aqui comigo.

(Caio senta na cama, desconfortavelmente. Ficam quietos por um momento)

Caio: É... você quer ir mesmo no cinema?

(Silêncio longo dos dois. Enquanto isso, as pessoas do paredão lançam perguntas para o público)

MC: Você se lembra desse seu momento?

P.1: O tempo até parece parar...

P 2: Num segundo passam muitas coisas na sua cabeça...

P 3: Será que eu quero mesmo?

P4: Será que eu posso?

P5: Será que eu devo?

P6: O que é que ela/ele vai pensar?

P7: O que é que as outras pessoas vão falar?

P8: E se ele/ela não gostar?

P9: E se eu não gostar?

P10: O que é que os meus pais vão pensar?

P11: Hum, mas essas borboletas no estômago...

TODOS: E se der merda?

MC: Tudo isso até passa pela cabeça, mas é tudo tão rápido que...

Caio: É... você quer ir mesmo no cinema?

Bia: Bom... eu queria, por quê?

Caio: Bom... eu acho melhor a gente fazer outra coisa....

(Bia fica constrangida)

Bia: Mas... você trouxe?

Caio: Não precisa se preocupar, vai ficar tudo bem...

Bia: Você tem certeza?

TODOS: Você tem certeza? SIM!... NÃO! Quer dizer...

(Black out, agora mostra Bia e suas amigas)

Bia: Vi, Ma, vocês podem vir aqui um minuto por favor?

Vi: Que cara é essa miga? O que aconteceu?

Ma: É o cursinho? Matéria acumulada? Alguma coisa com a escola?

Bia: Não, não é nada disso...fiquei enjoada essa semana toda..

Vi: (Assustada, põe a mão no ombro da amiga) Não me diz que tudo isso veio depois que você e o Cainho...

Bia: Pior que sim.

Ma: E sua menstruação ainda não veio?

Bia: Atrasada uma semana e dois dias. Comprei o teste. (Bia tira a embalagem lacrada da bolsa e a mostra). Vamos no banheiro comigo?

Vi/Ma: Claro!

Bia: Meu Deus, eu to muito nervosa.

Vi: Calma amiga, você não está sozinha.

(Todas as meninas do paredão saem da fileira, como se tivessem nas mãos um teste de gravidez)

MENINAS: Eu não acredito que isso está acontecendo comigo. Se der positivo o que é que eu vou fazer? (Quebram a representação) Nesse mesmo instante, milhares de garotas e mulheres estão passando por isso no mundo todo. Parece bobeira, mas não é. E ficar destilando preconceito não ajuda em nada.

Você já olhou em volta e conferiu se alguma amiga sua está precisando de ajuda?

MC: Às vezes, nem nos damos conta. Você já olhou à sua volta?

MENINAS: (Retomando a representação) Agora eu tenho que encarar...Seja o que Deus quiser. (Bia e as amigas saem de cena. As demais voltam a formar o paredão).

(Entra Caio e se senta no meio do palco em um bloco, depois vem alguns meninos)

Vitor: E aí Caio! Fiquei sabendo de você e a Bia, mais uma, hein?

Lucas: É, garotão!

Caio: É, tanto faz.

(Eles dão risada)

Vitor: E aí, como foi.

Caio: Ah, sei lá, você sabe, ela era...

Vitor: Ah, ok...

Lucas: Mas pelo menos foi seguro...?

Caio: Na verdade não, a primeira vez é tranquila.

Vitor: Sim, sim.

Lucas: Vichi, cara, melhor tomar cuidado.

Vitor: Relaxa Lucas.

(Perto dos meninos, João, um garoto tímido, fica bravo ao ouvir aquilo)

João: Como assim cara, primeira vez ou não, não faz diferença, ela pode ter...

(Caio interrompe)

Caio: Que? Quem é você? Não te perguntei nada garoto, sai daqui logo, ninguém te chamou.

Vitor: Sai daqui logo, veadinho.

(Caio sai bravo, blackout. A cena mostra agora as duas meninas assustadas)

Bia: Eu não acredito, isso não pode tá acontecendo! (Todas as meninas repetem a fala em coro)

Vi: Meu Deus, também não acredito. Mas eu acho que você devia contar para ele.

Ma: A gente precisa ir. Se cuida amiga. E pensa bem no que vai fazer, hein!

Bia: (Para a plateia) Parece muito fácil quando se olha de fora, mas não é. O que é que a gente faz quando não sabe o que fazer? E se fosse com você? O que resta é confiar nas pessoas que estão do lado da gente. (Sai de cena visivelmente abalada).

Vi: (Encontrando Ma) Ai, amiga, coitada da Bia. Estou com tanta pena dela...

Ma: Ora, queria o que? Vai dizer que ela não sabia que isso podia acontecer? Quem mandou não se cuidar!

Vi: Que isso, Ma? Você acha que a culpa é dela?

Ma: Claro! Ela que não se cuidou.

Vi: Não acredito que você está falando isso?

Ma: É só a verdade.

Vi: Mas ela não fez sozinha. E o Caio?

Ma: Ora, a gente sabe que ele não está nem aí, né? O azar é dela mesmo!

Vi: Meu, não acredito...

Ma: Ai, Vi, eu vou embora tá. Fui!

Vi: Como é que pode uma coisa dessas? (Olhando para a plateia) Você também pensa assim? Ai, eu fico com muita raiva! Os meninos sequer pensam no problema! E tem menina que concorda com isso!?! (sai)

Caio: Falou, galera. A gente se vê outra hora.

(Meninos de fora de cena: Isso aí! Falou pegador! Vai nessa! Suave!)

Caio: (Sozinho) Suave coisa nenhuma! O que é que eu faço? Meus amigos esperam de mim uma coisa que eu não quero ser. Aliás, muita gente pensa assim. Eu não quero deixar a Bia na mão. Esse filho também é meu. Mas...o que é que eu vou fazer? O que nós dois vamos fazer? Deixar para lá não me parece uma opção. Eu preciso pensar muito bem. (Sai)

(Blackout, mostra Bia e seus pais)

Pai: Eu não acredito nisso!!!

Mãe: Não tenho o que dizer para você, Bianca. Parece que nem educamos você.

Bia: Mas...

Pai: Fique quieta! O menino sabe?!

Bia: Sim, ele sabe...

Mãe: E os pais?

Bia: Ele disse que sim...

Pai: Eu não acredito que você fez isso com a gente. Onde foi que a gente errou, Bianca? Onde?

Bia: Pai, não fala assim. Eu preciso de ajuda...

Pai: Você devia ter pensado antes.

Mãe: Você precisa resolver isso, minha filha. Nós estamos aqui, mas isso é você quem tem que resolver. (Para a plateia) Estão olhando o que? Acham que eu tinha de passar a mão na cabeça dela e resolver por ela? Você faria o que?!

(Blackout, aparecem amigas de Bia falando sobre o caso)

Vi: Coitada da Bia, eu não acredito que está acontecendo isso com ela. Tenho que concordar: ela não pode ter esse bebê.

Ma: Eu acho que os dois deviam assumir, já que fizeram, que assumam.

Vi: Ah, eu sei lá...

(Blackout, mostra Bia e Viviane, as duas sentadas no chão, Bia está chorando muito)

Bia: Eu não acredito que ele fez isso comigo!

Vi: Calma, Bia, por favor...

Bia: Acalmar? Como eu vou ficar calma, como eu vou cuidar desse bebê sozinha!?

Vi: Amiga, eu preciso ir. Mas lembra: isso não é o fim do mundo.

(Black out, toca o sinal, Bia está sentada, sozinha, uma menina estranha chega perto dela)

Carolina: Oi, você é a Bia né?

Bia: Ah, sim, sou eu mesma.

Carolina: E aí, está difícil? Eu sou a Carolina, eu posso falar uma coisa?

(As duas se levantam e vão até um canto)

Carolina: Eu gostaria de te ajudar. Ouvi sobre o que aconteceu com você e aquele vagabundo...sinceramente você não vai poder cuidar desse bebê.

Bia: Tá, e o que você pode fazer?

Carolina: Eu conheço uma clínica, você sabe...

Bia: ...

Carolina: Eu posso marcar uma consulta para você. Mas precisarei de dinheiro.

Bia: Tá, mas quanto?

(Ela fala baixo)

Carolina: Okay, nos falamos depois.

(Blackout, mostra os pais e Bia chegando, está assustada, pálida)

Bia: Oi, gente...

Mãe: Bia, porque sumiram 500 reais da minha carteira?!

Pai: Você acha que só porque está grávida pode pegar o dinheiro da sua mãe?
Vai para o seu quarto!

(Bia sai, black out, mostra Bia na esquerda, com um balde no qual vomita, passando muito mal, sofrendo, agoniando de dor, tentando chamar o pai e a mãe)

Bia: Pai....mãe.....

(Porém, na direita, mostra Caio conversando com uma menina)

Caio: E aí, gata, quer ir no cinema hoje depois do almoço?

Menina: Pode ser, você poderia passar na minha casa, eu esqueci minha bolsa lá.

(Blackout, mostra desta vez Bia deitada, os pais estão desesperados, conversando com o médico).

Bia: (Sentando-se na cama) O que é que se faz quando não se sabe o que fazer? Quando a gente se vê sozinha, isolada, sem saber pra onde ir, mas tendo que seguir em frente. É pecado? É errado? Eu sou uma infanticida? É muito mais fácil quando se vê de fora, mas quando você está no olho do furacão, tudo fica confuso, doloroso, insuportável. Eu não sabia mais o que fazer, mas fiz. Julguem-me conforme a sua consciência, se quiserem. E tentem se colocar no meu lugar, se puderem. Mas não fechem os olhos, nem se mantenham indiferentes. (Ela vai se deitando numa cama, diante do médico).

Mãe: Doutor, o que aconteceu com ela?

Pai: Meu Deus, desculpa filha por ter brigado com você!

Médico: Não sabemos ainda, porém suspeito que ela...

(O médico é interrompido pelo batimento cardíaco no eletrocardiograma, que começa a ficar mais devagar).

Médico: Não, parada cardíaca, tirem eles daqui! Comecem a RCP!

(O Blackout é devagar, acompanha o batimento cardíaco, até que fica tudo escuro, e o eletrocardiograma não detecta mais batidas. Mostra Bia, deitada, morta, amigos e pais chorando, depois vem todos, dão as mãos e dizem:)

Todos: (Se desfazendo dos adereços e jogando-os no chão. Vão se aproximando da plateia.) Pensem sobre isso. (Apontam para Bia morta na cama) E se fosse com você?

(Blackout rápido. Alguns segundos e luz para o agradecimento.)

Silêncio. Tocada, a plateia não se sente confortável para os aplausos tradicionais. Olhares quase perdidos. Na verdade, olham para dentro de si, como quem busca se haver com as provocações que lhes atingiram em cheio. Aos poucos, alguém decide aplaudir e é seguido por outros, até todos se juntarem em sonoras palmas.

Continue o exercício de imaginação e se coloque no lugar da plateia, e mais ainda no lugar dessas personagens que, infelizmente não são tão fictícias assim. Dê-se um tempo para refletir sobre as questões postas, sobre os sentimentos e emoções despertas. Entre verdadeiramente em contato com o tema e se faça a pergunta “e se eu estivesse nessa situação?”.

Calma. Não tenha pressa. Olhe pelos vários prismas possíveis. E se você fosse a adolescente grávida? E se você fosse o adolescente prestes a ser pai? Ou os pais da garota, os pais do garoto ou as amigas? O que você pensaria? O que você faria? Você conhece alguém que passou por uma gravidez na adolescência? Ou talvez você mesmo tenha sido mãe ou pai bem cedo... O que você viveu? Como se sentiu?

Mas aqui faço um alerta relacionado a um equívoco corrente quando se fala de empatia: não se trata de meramente se imaginar no lugar do outro e continuar julgando a partir dos próprios valores e pensando a situação problema do lugar cultural, social, econômico, religioso e filosófico em que se está. O máximo que se vai atingir com tal postura é a identificação. A empatia real requer

disponibilidade para se aproximar do outro, no contexto do outro. Para isso, é fundamental uma escuta ativa e afetiva.

Tempo para pensar, refletir e encarar os afetos.

Provocação #7:

tens coragem de se levantar da cadeira e expor o seu ponto de vista?

Após alguns minutos dedicados a se recompor do impacto da cena apresentada, a plateia é interpelada pelo coringa, o Mestre de Cerimonia, sobre a compreensão da fábula, sobre os sentimentos, sobre as relações de opressão verificadas e, principalmente, sobre o que fariam se estivessem no lugar da protagonista. Timidamente alguém arrisca uma primeira proposição discursiva, ao que é interrompida pelo coringa que a encoraja a tomar lugar na cena e, ao invés de falar, mostrar sua ideia substituindo a oprimida.

Como é próprio do Teatro Fórum, a sessão vai se desenrolando com outras pessoas substituindo a protagonista e propondo novas possíveis soluções: desde simplesmente não consumir a relação sexual que, à primeira vista seria o estopim do problema, até uma dedicada e efetiva educação sexual, compartilhada pela escola e pela família, de modo a dar subsídios para o jovem lidar com a situação da forma mais madura possível.

Ao tomar parte da cena, os espectadores contribuem para a construção do conhecimento e, corajosamente, expõem suas próprias dúvidas, angústias e medos. Sobretudo, se colocam de fato diante do problema. Aqueles que se permitem entrar verdadeiramente na situação proposta experimentam os dilemas vividos pela protagonista e percebem o quão desafiadora é a problemática apresentada. Muitas vezes, uma ideia que parecia clara e perfeitamente elaborada no plano discursivo, na cena se mostra frágil e superficial. O mais importante é que o grupo todo, elenco e plateia, se colocam como *espect-atores* na busca de caminhos possíveis para as questões levantadas, buscando dirimir as opressões.

A forma que utilizo para preparar os jovens alunos-atores para o desenvolvimento desse trabalho busca (e até o momento tem conseguido)

garantir autonomia e protagonismo para que encaminhem tanto a apresentação quanto a sessão fórum. O fato de os alunos escreverem a dramaturgia de forma colaborativa, partindo das dúvidas e demandas do grupo, podendo contar com espaço e orientação adequada, que contemple os vários aspectos e pontos de vista sobre o tema, bem como a criação em ambiente protegido, seguro e caracterizado por relações de confiança faz com que se sintam plenamente seguros para se expressar e debater com muita maturidade.

Provocação #8:

de tudo isso, o que fica?

O que se evidencia é que o Teatro Fórum põe no centro do debate muitos preconceitos, a fragilidade de soluções mágicas que se revelam simplistas e nada eficazes, a necessidade de diálogo franco e maduro entre pais, filhos e educadores. Mostra-se perfeitamente adequado e pertinente como ponto de partida para o debate e reflexão acerca de temas tão importantes, como os abordados neste projeto. Cumpre o papel de retirar o véu que cobre assuntos tabus e promover o diálogo entre gerações, possibilitando um aprendizado impactante uma vez que os participantes têm a oportunidade de vivenciar as emoções no próprio corpo, se colocando em cena dispostos a exercitarem a empatia.

Confirma-se a potência do teatro fórum como metodologia ativa de ensino aprendizagem, propício à transdisciplinaridade e à abordagem de temas transversais de modo impactante envolvendo toda a comunidade e se configurando como espaço de Educação comprometida com formação humanista, ética e solidária.

O que fica é a certeza de que o teatro tem muito a contribuir para a educação de crianças, jovens e adultos comprometidos com a construção de um mundo mais igualitário, justo e prontos a lutar contra opressões de qualquer natureza.

Referências

ABREU, Luís A. Processo colaborativo – relato e reflexões sobre uma experiência criativa. **Cadernos da ELT – Escola Livre de Teatro de Santo André**, no. 0, Santo André: 2003.

ARAÚJO, Antonio. A cena como processo de conhecimento. *In: Revista ABRACE-Arte e Ciência- Abismo de Rosas*. São Paulo: Abrace, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOAL, Augusto. **O teatro do oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência (p. 20-28). **Revista Brasileira de Educação** (online), nº 19, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KASTRUP, Virginia. Cognição inventiva, arte e corpo. *In: Revista da ABRACE-Arte, corpo e pesquisa na cena: experiência expandida*. Belo Horizonte: ABRACE/Gráfica e editora O lutador, 2015.

KNEBEL, Maria. **Análise-ação-** práticas das ideias teatrais de Stanislávski. São Paulo: Editora 34, 2016.

KOUDELA, Ingrid D. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LEDUBINO, Adilson D. **O processo colaborativo na formação do ator**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas: 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

STANISLAVSKI, Constantin. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.